

JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE PARA O USO DE TECNOLOGIAS



ARARAQUARA – S.P.
2023

JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE PARA O USO DE TECNOLOGIAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientador: Luci Regina Muzzeti

Bolsa: CAPES - DS

ARARAQUARA – S.P.
2023

M538i

Mendes, Jhennyfer Marques Gomes

A influência do capital cultural na prática docente para o uso de tecnologias / Jhennyfer Marques Gomes Mendes. -- Araraquara, 2023
51 f. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Luci Regina Muzzeti

1. Sociologia Educacional. 2. Antropologia Educacional. 3.
Tecnologia Educacional. 4. Professores Formação. 5. Educação de
crianças. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE PARA O USO DE TECNOLOGIAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientador: Luci Regina Muzzeti

Bolsa: CAPES - DS

Data da defesa: 13/09/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Luci Regina Muzzeti
UNESP/ARARAQUARA

Membro Titular: Prof.^a. Dr.^a. Hilda Maria Gonçalves da Silva
UNESP/FRANCA.

Membro Titular: Prof.^a. Dr.^a. Maria Fernanda Celli de Oliveira
CENTRO EDUCACIONAL ADAMASTOR/GUARULHOS

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Luci Regina Muzzeti, por me apresentar a vida acadêmica, incentivando, apoiando e contribuindo com o meu sucesso pessoal e profissional;

À minha família, que me proporcionou uma base sólida e resistente, sempre com muito apoio e respeito as minhas escolhas, contribuindo efetivamente para a formação da pessoa que sou hoje;

Ao meu namorado, por me acompanhar nesta trajetória sempre com muito amor, carinho, respeito e compreensão;

Às minhas amigas, que sempre me incentivaram e contribuíram com a minha jornada;

À Shakira, Frederico e Scott, pelo suporte emocional ao longo deste percurso;

Às professoras que despenderam tempo para contribuir com os dados presentes nesta pesquisa;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Primeiramente, todos os filósofos que você me falou eram homens. E homens vivem num mundo bem específico, só deles. Eu me interesso mais pelo mundo real. De flores e animais e crianças, que nascem e crescem”

Jostein Gaarder (2012, p.289)

RESUMO

O advento da informática provocou modificações sociais, viabilizando o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que apresentam potencial para ampliar os horizontes de conhecimento das crianças e possibilitam que a escola atue como uma instituição que permita, de fato, a mobilidade social. No entanto, há fatores que ainda impedem o uso das tecnologias em sala de aula, como a ausência de oportunidades de formação continuada para docentes do ensino fundamental. Nesse sentido, a presente dissertação investigou em que medida o capital cultural dos professores facilita o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, na metodologia foram utilizados os pressupostos praxiológicos, valendo-se de uma entrevista para um estudo de caso, na qual foi feita uma análise da prática docente em relação aos cursos de aperfeiçoamento baseada nos estudos de Pierre Bourdieu. A partir da análise das entrevistas, foi possível concluir que a fração de classe à qual a família pertence é determinante para sua formação de capital cultural, uma vez que, todos os professores entrevistados apresentaram uma regularidade no aspecto social, sendo herdeiros de baixo capital econômico, destacando, assim, a relação entre esses capitais. Em outras palavras, fica evidente que o capital econômico influenciou na necessidade de formação continuada sobre tecnologia, demonstrando, principalmente, que há outros interesses mais benéficos do que investimentos em cursos tecnológicos, que renderiam pouco retorno a curto e longo prazo. Ao invés disso, a maioria dos entrevistados preferiu investir tempo e dinheiro na educação de seus filhos. Portanto, depreende-se que apesar dos professores entenderem o potencial educacional da tecnologia, eles não dominam o uso dela e também não enxergam o investimento em cursos como uma opção viável, já que não dominam os códigos necessários para apreciar e valorizar o conhecimento, tanto individual, como coletivo. Vale destacar que para o desenvolvimento desta dissertação foi realizada uma busca em sites de bases de dados, mas não foram encontradas pesquisas com o foco desejado, o que demonstra ineditismo e ressalta a importância do tema. Desse modo, espera-se que esta pesquisa possa suscitar políticas públicas favoráveis para a capacitação docente e para infraestrutura tecnológica de qualidade, fazendo com que os professores tenham acesso a cursos de formação continuada e aprendam a utilizar e valorizar a tecnologia, sem ter que investir seus próprios recursos financeiros, assim, potencializando o ensino e melhorando os níveis de educação.

Palavras – chave: Capital Cultural; Tecnologias; Professor; Ensino; Bourdieu.

ABSTRACT

The advent of information technology has led to social changes, enabling the advance of Information and Communication Technologies (ICT), which have the potential to broaden children's knowledge horizons and enable schools to act as institutions that actually enable social mobility. However, there are factors that still hinder the use of technologies in the classroom, such as the lack of continuing education opportunities for elementary school teachers. In this sense, this dissertation investigated the extent to which teachers' cultural capital facilitates the use of technologies in the teaching and learning process in the early years of elementary school. For this, the methodology used praxeological assumptions, using an interview for a case study, which analyzed teaching practice in relation to training courses based on Pierre Bourdieu's studies. Based on the analysis of the interviews, it was possible to conclude that the class fraction to which the family belongs is a determining factor in the formation of cultural capital, since all the interviewed teachers presented a social aspect regularity, being heirs of low economic capital, highlighting the relationship between these capitals. In other words, it is clear that economic capital has influenced the need of continuing training in technology, demonstrating, above all, that there are other more beneficial interests than investing in technological courses, which would give low return in the short and long term. Instead, most of those interviewed preferred to invest time and money in their children's education. Although teachers understand the educational potential of technology, they have not mastered its use and do not see investing in courses as a viable option, since they have not mastered the codes needed to appreciate and value, both individual and collective knowledge. It is worth to note that for the development of this dissertation a search was carried out on database sites, but no research was found with the desired focus, which demonstrates unprecedentedness and highlights the importance of the topic. In this way, it is expected that this research can lead to favorable public policies for teacher training and quality technological infrastructure, so teachers could have access to continuing training courses and learn to use and value technology without the need to invest their own financial resources, enhancing teaching and improving levels of education.

Keywords: Cultural Capital; Technologies; Teacher; Teaching; Bourdieu.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Linha cronológica das políticas públicas brasileiras sobre tecnologias na escola.	19
Gráfico 2	Quantidade de professores que fizeram cursos sobre o uso de tecnologias para educação.	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Quantidade de professores que fizeram cursos sobre o uso de tecnologias para educação.	27
Tabela 2	Informações sobre instituições de formação	35
Tabela 3	Interesse por cursos sobre tecnologia oferecidos pelo Estado ou financiados com os próprios recursos.	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
BDTD	Base de Teses e Dissertações
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENCEJA	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
PBLE	Programa Banda Larga nas escolas
PROUCA	Programa um Computador por Aluno
PIEC	Programa de Inovação Educação Conectada
IDEC	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	14
2 METODOLOGIA.....	16
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3.1 Tecnologia	18
3.2 Políticas Públicas sobre Tecnologia no Brasil.....	19
3.3 Formação de professores no brasil	20
3.4 Capital Cultural.....	21
3.5 Capital Econômico.....	23
3.6 <i>Habitus e ethos</i>.....	25
3.7 Violência Simbólica	26
4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	27
4.1 Categorias de análise	27
4.2 Apresentação geral dos participantes	27
4.2.1 Ana Maria	28
4.2.2 Ana Paula.....	29
4.2.3 Cristina	29
4.2.4 Maria Alice	30
4.2.5 Nadir	31
4.3 Heranças	32
4.4 Capital Cultural.....	32
4.5 Formação Inicial e Complementar	34
4.6 Trabalho Docente	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	43
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLAECIDO	45

APRESENTAÇÃO

Começo esta dissertação a partir da minha apresentação pessoal, para que compreendam que, apesar da temática tecnológica estar em alta, venho me dedicando a esse assunto desde minha graduação, com o objetivo de que mais pessoas conheçam os benefícios do uso de recursos tecnológicos em sala de aula.

Neste interim, posso afirmar que meu ímpeto em pesquisar sobre a relação entre tecnologia e educação se deu a partir do confronto entre a minha própria experiência enquanto aluna e professora. Explicando melhor, enquanto aluna, estudei em escola particular com bolsa integral e tive constante contato com tecnologia, participando como integrante do grupo de robótica por 3 anos consecutivos, todos esses recursos foram de extrema importância em minha formação global. No entanto, quando cursava Pedagogia e cumpria os estágios obrigatórios, me deparei com um cenário completamente diferente nas escolas públicas, nas quais, apesar de haver poucos recursos tecnológicos, não havia preparo dos profissionais para tal uso.

Foi então que, motivada por essa diferenciação, entrei para o Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia, desenvolvendo uma iniciação científica sobre o uso de tecnologia como potencializadora do processo de alfabetização. Esse estudo me permitiu concluir que são três os principais impeditivos do uso da tecnologia em sala de aula, sendo eles, a defasagem de equipamentos tecnológicos, poucas políticas públicas e ausência de capacitação de professores. Esse tripé me despertou a curiosidade sobre as razões pelas quais escolas particulares investem no uso da tecnologia e escolas públicas não, foi então que conheci Pierre Bourdieu.

Bourdieu é um sociólogo francês, originário de uma fração de classe culturalmente desprivilegiada, que foi enviado para lutar nas guerras da Argélia. Durante esse período ele fez várias observações e escreveu seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia*, em 1958, no qual ele discute a organização social que ele observou. A partir de então, ele passa a se dedicar aos estudos sociais, sendo o responsável por identificar a violência simbólica nas escolas, como o principal motivo para evasão e reprovação de alunos das camadas mais baixas.

Alguns conceitos de Bourdieu como *Capital*, *Habitus* e *Violência Simbólica* serão utilizados nesta dissertação, para interpretar em que medida o Capital Cultural influencia no uso de tecnologias em sala de aula, analisando essa problemática a partir da visão sociológica e da luta de classes.

1 INTRODUÇÃO

Assim como o uso das pedras, dos metais e das copiadoras, a informática é um marco do avanço dos seres humanos, que alterou seu modo de viver e suas características intrínsecas, como a forma de pensar e aprender. As crianças das últimas gerações já nasceram em meio a era tecnológica, substituindo as brincadeiras coletivas, por brinquedos eletrônicos e individuais. Eles estão acostumados a acessar diferentes recursos audiovisuais em um mesmo aparelho e é graças a esses estímulos que eles desenvolveram diversas características positivas, como a facilidade com o hipertexto, ou seja, eles são capazes de trabalhar com um maior fluxo de informações simultâneas, mas o outro lado dessa mesma moeda faz com que eles tenham baixos resultados com métodos tradicionais de ensino.

Infelizmente para os nossos professores Imigrantes Digitais, as pessoas sentadas em suas salas cresceram em uma “velocidade rápida” dos videogames e MTV. Eles estão acostumados à rapidez do hipertexto, baixar músicas, telefones em seus bolsos, uma biblioteca em seus laptops, mensagens e mensagens instantâneas. Eles estiveram conectados a maior parte ou durante todas suas vidas. Eles têm pouca paciência com palestras, lógica passo-a-passo, e instruções que “ditam o que se fazer” (PRENSKY, 2001, p.3).

Esse é um grande problema enfrentado em todo o território brasileiro, que se acentuou com a pandemia de COVID-19, uma vez que, apesar de haver políticas públicas para a implementação da tecnologia em sala de aula, elas caminham a passos lentos e ainda se atem muito a distribuição de equipamentos eletrônicos e internet e se esquecem da capacitação de professores. Em minha iniciação científica pude concluir que havia 3 principais impeditivos para o uso de tecnologia em sala de aula, “a incompreensão sobre as necessidades do aluno público-alvo, o desfalque nos aspectos políticos e infra estruturais e a ausência da formação continuada dos professores.” (MENDES, 2021, p.81). Em outras palavras, estes três fatores compõem um tripé que, em condições ideais, potencializam o ensino e, conseqüentemente, alcançam melhores resultados.

Considerando este cenário, a presente pesquisa tem por objetivo utilizar os estudos de Pierre Bourdieu, para dissertar sobre em que medida o capital cultural dos professores facilita o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental I, apontando como as desigualdades sociais interferem na formação, desde a educação básica até o ensino superior. Além de ser uma possibilidade para suscitar políticas públicas favoráveis para a capacitação docente e para infraestrutura tecnológica de qualidade, tornando a

educação mais efetiva, aproximando o processo de ensino e de aprendizagem ao interesse e a realidade dos alunos.

Para tanto, recorri ao método praxiológico, de Bourdieu, me baseando no trabalho de Muzzeti (1997), para construir um roteiro de perguntas que constituíram uma entrevista aplicada com professores do ensino fundamental I, em escolas públicas do interior Paulista. A partir destas entrevistas foi possível identificar uma regularidade entre as repostas, que confirmaram a mediação entre o agente social e a sociedade, isto é, mesmo sendo indivíduos singulares, todos possuíam identificação em relação as categorias analisadas, como a formação e o capital cultural, apontando a existência do *Habitus*.

Dada a metodologia utilizada, convém dizer que para selecionar o referencial teórico desse projeto, foi necessária uma busca em sites de base de dados, como a Biblioteca Digital Brasileira De Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de teses e dissertações da CAPES e o portal SCIELO. Como resultado, não foram encontradas pesquisas que relacionam o capital cultural de Bourdieu com a formação continuada de professores para o uso de tecnologias nos anos iniciais do ensino fundamental, o que demonstra ineditismo e importância do tema.

2 METODOLOGIA

Para compreender a metodologia, é necessário ter em mente que o objetivo dessa pesquisa é identificar em que medida o capital cultural dos professores facilita o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como, compreender a formação em educação básica e em ensino superior do Pedagogo (a) e analisar a prática docente em relação aos cursos de aperfeiçoamento.

Dessa forma, o método dessa pesquisa é fundamentado nos estudos do sociólogo Pierre Bourdieu, portanto, ele pode ser classificado como praxiológico, pois como o autor explica, não se pode considerar somente o objetivismo, ou então, somente o subjetivismo, é necessário pensar sobre a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983, p.8), juntando o ser e o meio social em que ele vive, como fatores que se constituem simultaneamente.

De outra maneira, o método praxiológico considera que “todo problema consiste, porém, em encontrar a mediação entre agente social e sociedade, homem e história” (BOURDIEU, 1983, p.14), é a articulação entre indivíduo e as estruturas sociais existentes ao seu redor.

Nesta pesquisa, assim como no trabalho de Muzzeti (1997), o método praxiológico foi aplicado por meio de entrevistas para um estudo de caso, na qual as perguntas foram separadas por categorias, de forma a capturar as informações necessárias para esse estudo, considerando um intervalo de tempo e espaço ou a prática histórica e social em que os indivíduos estejam imersos.

No entanto, é preciso ressaltar que antes da entrevista esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, campus de Araraquara e aprovado (Anexo A). A pesquisadora também solicitou a autorização da diretoria regional de ensino de Araraquara (Anexo B) para, posteriormente, entrar em contato com as escolas indicadas, que compreendam os anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisadora não possui nenhuma relação com os participantes desta pesquisa, estes, por sua vez, foram apresentados à pesquisadora no dia da entrevista.

Sendo assim, foram entrevistados 5 pedagogos (o termo pedagogos, neste caso, compreende a profissionais masculinos e femininos) de 2 escolas diferentes, objetivando identificar as categorias de análise nas respostas. Desse total de pedagogos, 2 entrevistas foram feitas como pré-teste, de modo a garantir que as questões estavam adequadas. A escolha das escolas se deu, inicialmente, por indicação de outros projetos desenvolvidos na

FCLAr, como o Residência Pedagógica. Dessa forma, foi feito um contato inicial através de e-mail e telefone com cerca de 10 escolas estaduais de diferentes bairros de um município do interior Paulista. No entanto, quando lhes foi apresentado uma entrevista de aproximadamente 1 hora, alguns profissionais não demonstraram interesse em participar. Por conseguinte, o critério estabelecido para a escolha das escolas participantes foi a aceitação dos professores em participar da pesquisa.

A análise e conclusão foram feitas com base nas entrevistas e considerando as ofertas de cursos de formação continuada de professores para o uso de tecnologias e a predisposição dos docentes em relação a realização desses cursos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 TECNOLOGIA

Em todas as sociedades o ser humano busca formas de facilitar suas atividades diárias. Isso vem acontecendo desde seus primórdios, quando ainda na pré-história o homem desenvolveu ferramentas a partir de objetos da natureza. Com o desenvolvimento da humanidade, suas necessidades também foram alteradas, logo, na mesma medida em que o ser humano evolui, ele desenvolve técnicas e tecnologias para garantir e facilitar sua sobrevivência, é dessa forma que surge a informática, como um marco histórico capaz de alterar o modo de viver dos seres humanos.

As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. (LÉVY, 1993, p.04)

Em outras palavras, é possível afirmar que a evolução dos seres humanos acompanha a evolução tecnológica, porque o homem e o mundo se transformam mutuamente. Logo, as gerações mais recentes acompanham a evolução da informática, desenvolvendo características, habilidades e necessidades diferentes das gerações anteriores. Como afirma Prioste (2017, p. 79), se estimuladas corretamente, as últimas gerações apresentam “maior controle no fluxo de informações, melhor capacidade de trabalho colaborativo, conseguiriam lidar melhor com as realidades virtuais e reais”.

No entanto, as políticas públicas brasileiras em âmbito federal caminham a passos lentos no que tange a implementação da tecnologia nas escolas. Esse fator fica nítido quando observamos que a primeira política pública neste sentido surgiu em 1997, chamada Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo), que visava distribuir equipamentos eletrônicos para as escolas. Depois desta, surgiram diversas outras, com o mesmo intuito, ou seja, disponibilizar internet e computador, mas, somente em 2017, com o Programa de Inovação Educação Conectada (PIEC), desenvolveram uma política pública preocupada em capacitar os professores para o uso desta tecnologia.

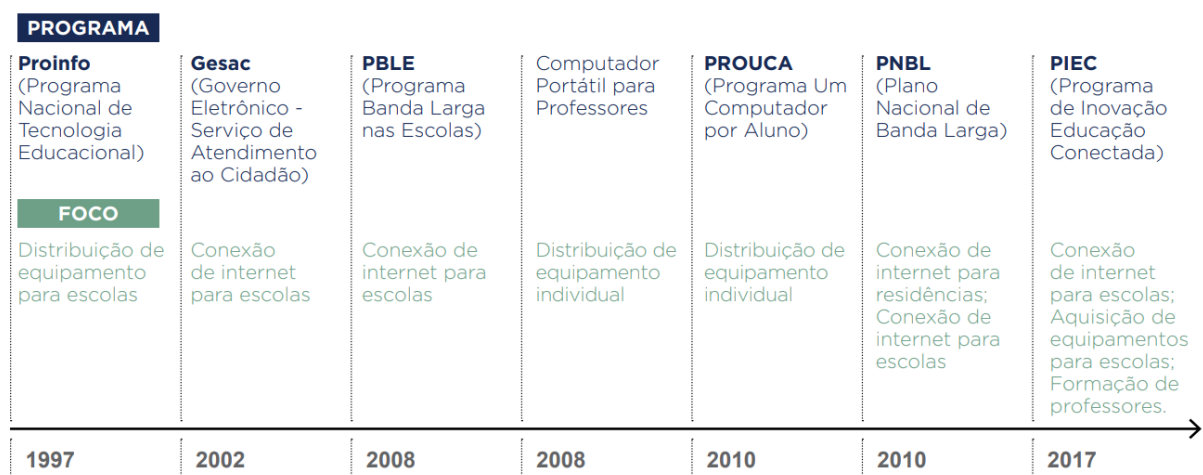
Este programa, apesar de recente, é de extrema importância, uma vez que ele põe em evidência a diferença entre as gerações de professores e as gerações dos alunos, identificando um grande problema da sociedade atual: os alunos não aprendem com aulas tradicionais e os professores não estão capacitados para outros métodos de ensino. Ou seja, há um desencontro de pensamentos, causando desinteresse nos alunos e insatisfação nos professores.

3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE TECNOLOGIA NO BRASIL

É possível afirmar que a implementação de políticas públicas no Brasil para tornar favorável o uso de tecnologias em sala de aula varia de acordo com as regiões e, conseqüentemente, seus contextos socioeconômicos. Em 1997 tornou-se real o primeiro projeto, intitulado Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo), no qual o foco era distribuir equipamentos escolares que facilitassem o uso da tecnologia nas escolas.

Outros programas foram criados ao longo do tempo, entre eles estavam o Programa Banda Larga nas escolas (PBLE) em 2008 e o Programa um Computador por Aluno (PROUCA). O último foi em 2017, intitulado Programa de Inovação Educação Conectada (PIEC), este foi o único entre todos que fala, não somente sobre a aquisição de equipamentos de qualidade, mas, sobretudo, sobre a capacitação de professores para o uso dessas tecnologias (IDEC, 2021).

Gráfico 1: Linha cronológica das políticas públicas brasileiras sobre tecnologias na escola.



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR, 2021.

A partir da linha cronológica acima é possível identificar que as primeiras políticas públicas começaram ainda no século passado, mais preocupadas com a condição material do que com a capacitação para o uso. Esse tipo de política até pode contribuir na medida em que são destinados recursos materiais para as escolas, porém, quando não há cursos de capacitação para tal uso, os materiais são deixados de lado ou não são utilizados como potencializadores da educação.

Se analisarmos a evolução das políticas públicas voltadas para a tecnologia em sala de aula, hoje ainda é possível dizer que houve pouco avanço, uma vez que essas políticas estão

“engatinhando” em direção ao desenvolvimento, pois, além de muito recentes, ainda demandam diversos ajustes, principalmente se considerarmos que somente em 2017 notaram a importância de capacitar os profissionais da educação para o uso de tecnologias em sala de aula.

Outra informação relevante é que, apesar das iniciativas federais, os estados e municípios são os responsáveis finais pelas oportunidades de formação continuada. Dessa forma, é preciso conscientizar sobre a necessidade desse investimento mesmo em pequenas regiões.

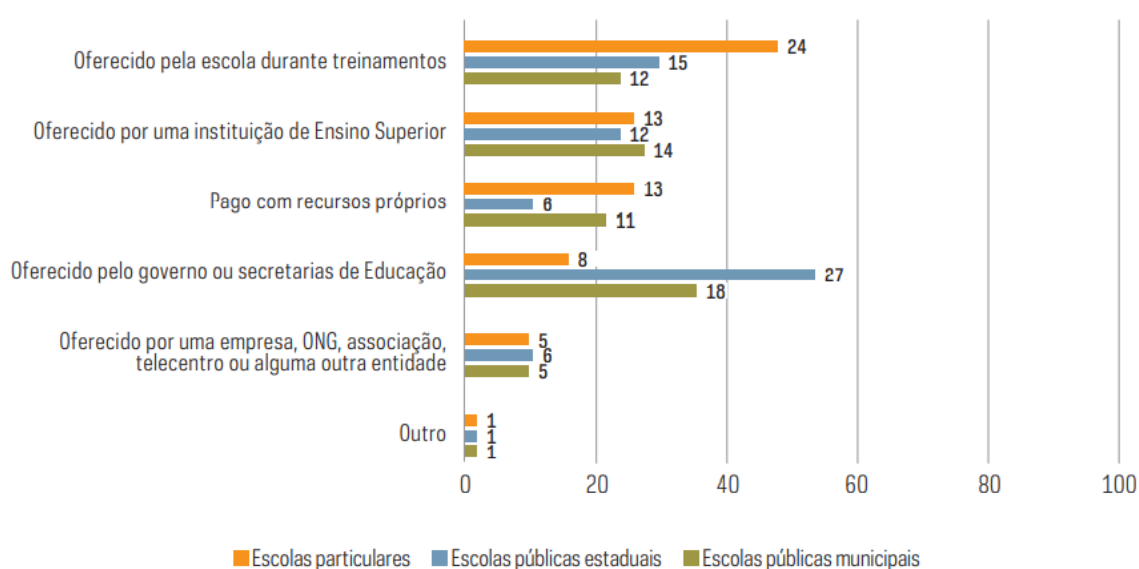
3.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL

A formação de professores para o uso de tecnologias já era precária antes da pandemia, isso se torna evidente quando, em 2020, o Comitê Gestor da Internet no Brasil publicou os dados referentes a uma pesquisa de 2019, afirmando que 59% dos professores entrevistados citaram não haver oportunidade de cursos específicos sobre o uso de tecnologias em atividades pedagógicas e apenas 33% destes professores haviam feito um curso de formação continuada sobre esse tema.

Gráfico 2: Quantidade de professores que fizeram cursos sobre o uso de tecnologias para educação.

PROFESSORES DE ESCOLAS URBANAS, POR MODO DE ACESSO AO CURSO DE FORMAÇÃO (2019)

Total de professores que lecionam em escolas urbanas (%)



Fonte: Comitê Gestor de Internet no Brasil, 2020.

Antes de mais nada, é importante considerar que a porcentagem apresentada neste gráfico pode causar uma falsa ilusão, tendo em vista que os professores das escolas públicas são maioria, se comparado com as escolas privadas. Todavia, não foram localizadas pesquisas que relacionem a oferta de cursos de forma proporcional ao número de profissionais das redes públicas e privadas, o que dá margem para novos estudos.

Sendo assim, este gráfico nos permite compreender que a principal diferença em relação a capacitação de professores para o uso de recursos tecnológicos em sala de aula é que o ensino privado investe muito mais neste quesito. Dessa forma, quando chegou a pandemia, a rede privada conseguiu trabalhar com a modalidade de ensino híbrido, pois já tinham conhecimentos prévios sobre plataformas para aulas e atividades.

Essa diferenciação toda fica evidente na teoria de Bourdieu, principalmente no livro *A reprodução* (1992), que explica que a sociedade é dividida em frações de classes e há uma constante disputa entre as frações. Nesta visão, as escolas funcionam como um aparelho do Estado, que tendem a garantir o *status quo*.

3.4 CAPITAL CULTURAL

Um dos principais conceitos que se relaciona com a manutenção do *status quo* é o capital cultural, capaz de manter a distinção entre as frações de classe. Podemos considerar que o capital cultural possui três principais estados, sendo eles o incorporado, o objetivado e o institucionalizado.

No estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em sua relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 1998, p. 74).

Nesse sentido, podemos dizer que o capital cultural incorporado é aquele que, quando adquirido, passa a fazer parte do habitus do indivíduo, o acompanhando até a morte. Para que isso ocorra, é necessário a incorporação e interiorização, o que demanda tempo e investimento pessoal, uma vez que mesmo com ajuda de materiais ou de outras pessoas, esse capital se torna uma aquisição pessoal e intrasferível.

Já o capital cultural objetivado, como o próprio nome revela, tem a ver com a materialização do capital, em livros, obras de arte entre outras opções. Esse estado está ligado

ao capital econômico, uma vez que pode ser adquirido por herança ou compra, no entanto, é necessário que o proprietário tenha valor cultural ou simbólico para apreciá-lo, caso contrário, não terá funcionalidade para a pessoa.

Por fim, o capital cultural institucionalizado é a materialização em forma de certificados ou diplomas, o que permite a distinção em relação a grupos sociais, pois cada instituição possui valores simbólicos diferentes que, por meio dos certificados, serão conferidos aos indivíduos.

Ou seja, o capital cultural está intrinsecamente relacionado com o agente enquanto indivíduo e enquanto sociedade. E os principais meios de transmissão do capital cultural são a família e a escola.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistemas de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 2007, p.41)

Posto isso, podemos afirmar que os níveis de instrução da família indicam também seu nível cultural, isto é, determina um conjunto de conhecimentos, informações, posturas e interesses que variam enquanto grupo social. Sendo assim, a prática docente terá relação direta com o capital cultural dos professores. E, para o uso de recursos tecnológicos como potencializadores da educação é necessário a aquisição de capital cultural, ou seja, intenção em investir em formação continuada.

Seguindo essa lógica, utilizamos como ponto de partida para desenvolver o referencial dessa pesquisa estudos que relacionam o capital cultural de Bourdieu com a formação continuada de professores para o uso de tecnologias em áreas específicas do conhecimento, como inglês e a matemática, com destaque para a pesquisa de Mariza Antonia Machado Lima (2013), por trazer dados do Estado de São Paulo.

Nesse estudo, é destacado a formação continuada de docentes de escolas públicas do Estado de São Paulo para a área de Matemática, apontando que as oportunidades de formação continuada podem ser positivas ou negativas, por conta de fatores estruturais e de políticas públicas de formação docente, além de como os professores enxergam os recursos tecnológicos.

As compreensões sobre o impacto de prática formativa sinalizam movimentos de mudança na cultura e prática docente dos professores, visto que os conhecimentos pedagógico-tecnológicos em matemática se fazem presentes nas práticas sociais e

profissionais desses sujeitos, ampliando as possibilidades de interação e de desenvolvimento profissional, bem como contribuindo na constituição de uma cultura de informática educativa. (RICHIT, 2010, apud, LIMA, 2013, p.23)

Assim, nessa pesquisa evidencia-se o fato de as formações continuadas serem ofertadas pelas Secretarias da Educação, isso pode ser um benefício pois oportunizam um espaço social de aquisição de capital cultural. Porém, a autora também cita que esse tipo de formação tem focalizado mais na “instrumentalização para o uso de tecnologias e atualização sobre metodologias para o trabalho interdisciplinar e com temas transversais”. (LIMA, 2013, p. 84-85)

Portanto, é possível perceber que as oportunidades de formação continuada contribuem com a aquisição de capital cultural por parte dos docentes. Contudo, se faz necessários estudos mais aprofundados para investigar em que medida essas formações contribuem com a prática docente para o uso de tecnologias ou se os docentes participam das formações apenas por bonificação.

3.5 CAPITAL ECONÔMICO

As oportunidades de formação continuada e a aquisição de capital cultural estão intrinsecamente ligadas com outro conceito de Bourdieu, intitulado Capital Econômico. Este, pode ser definido como o acúmulo de dinheiro e/ou outros bens econômicos. Está ligado ao âmbito financeiro e é uma forma importante de evidenciar o poder na sociedade.

A riqueza material jamais funciona somente como riqueza. O reconhecimento concedido à riqueza varia segundo as sociedades e os momentos e os próprios efeitos da representação dessa riqueza fazem com que a força econômica mais bruta acabe se beneficiando de um efeito simbólico suplementar que fortalece esse mesmo reconhecimento. (GRÜN, 2007, p.107)

Os capitais se relacionam, uma vez que, a cultura é transmitida inicialmente pela família. Logo, se esta não possui capital econômico considerável, sua prole não herdará poder aquisitivo e, conseqüentemente, terá acesso a um tipo específico de cultura que não a da classe dominante.

A homologia entre os dois campos faz com que as lutas por aquilo que está especificamente em jogo no campo autônomo produzam automaticamente formas eufemizadas de lutas econômicas e políticas entre as classes: é na correspondência de estrutura a estrutura que se realiza a função propriamente ideológica do discurso dominante, intermediário estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxa) por meio da imposição mascarada

(logo, ignorada como tal) de sistemas de classificação e de estruturas mentais objectivamente ajustadas às estruturas sociais. (BOURDIEU, 1989, p.13)

Está relação também interfere nas pessoas que fazem parte de seu convívio social. Bourdieu utiliza do conceito de amor fati, para explicar que as pessoas tendem a se aproximar daquelas que possuem características semelhantes as suas. Isso vai implicar na relação entre capital econômico e capital social, definindo um grupo que compartilha características de pertencimento, o *ethos*.

A remanência, sob a forma do habitus, do efeito dos condicionamentos primários, implica que a correspondência imediata entre as estruturas e o habitus (com as representações – a experiência dóxica do mundo social – e as expectativas – o amor fati – que eles engendram) não é senão um caso particular do sistema dos casos possíveis de relações entre as estruturas objetivas e as disposições. (BOURDIEU, 2007, p.84)

Quando as famílias possuem alto poder aquisitivo, elas tendem a estar no topo das frações de classe. Estas definem estratégias a partir dos códigos sociais para se manter no poder, mesmo que inconscientemente. Esse grupo dominante é o responsável por definir figuras influentes, gostos, modos de vida entre outras características consideradas de grande valor. Ao mesmo tempo que buscam manter a distinção social, tornando esses “gostos” inatingíveis para as classes inferiores que não detém tal poder econômico.

Todo agente econômico é uma espécie de empresário que procura extrair o melhor rendimento de recursos raros. Mas o sucesso de seus empreendimentos depende, primeiramente, das chances de conservar ou aumentar seu patrimônio, considerando o volume e a estrutura desse patrimônio e, por consequência, dos instrumentos de produção e reprodução que possui ou controla; e, em segundo lugar, de suas disposições econômicas (no sentido mais amplo), isto é, de sua propensão e aptidão para receber estas chances. (BOURDIEU, 2007, p. 93)

Da mesma forma, as famílias que possuem baixo capital econômico tendem a adotar estratégias para a utilização dos poucos recursos, pensando em um futuro melhor. Uma destas é restringir o número de fratrias, concentrando recursos em um só filho. O casamento com cônjuges de frações de classe superiores também é uma forma de ascender socialmente. No Brasil a desigualdade social é acentuada a ponto de que as famílias mais pobres tenham vários filhos e que estes não tenham acesso à educação durante a infância, tendo que trabalhar desde muito jovens. Está também é uma estratégia, no caso, de manutenção social, pensando que uma maior quantidade de filhos culminará em mais pessoas para trabalhar.

Esses dois fatores não são independentes: as disposições em relação ao futuro (cujas disposições econômicas são uma dimensão particular) dependem do futuro objetivo do patrimônio – que por sua vez, depende das estratégias de investimentos das

gerações anteriores – isto é, da posição atual e potencial do agente ou do grupo de agentes considerado na estrutura da distribuição de capital (econômico, cultural e social) entendido como poder sobre os instrumentos de produção e reprodução. (BOURDIEU, 2007, p. 93)

No caso deste estudo, o capital econômico é parte determinante para o investimento dos profissionais da educação em formação continuada para o uso de tecnologias em sala de aula. Porém, os professores do ensino fundamental I, formados em cursos de magistério ou Pedagogia, tendem a originar-se de camadas inferiores da sociedade, com menor poder aquisitivo. Assim, quando possuem recursos financeiros, procuram destiná-los a atividades que lhes darão lucros em curto ou longo prazo. Se a formação ofertada for uma oportunidade de facilitar o processo de ensino e aprendizagem, mas não contribuir com retorno financeiro, há uma inclinação a destinar esses recursos para outras atividades.

3.6 *HABITUS E ETHOS*

Em ambos os casos, necessidade ou bonificação, podemos identificar a existência do *habitus*, uma vez que, Bourdieu o define como

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65)

De outro modo, o *habitus* é a expressão do *ethos* e da *hexis*, os valores interiorizados que determinam a forma de pensar e agir do indivíduo e a forma que este agente social transmite esses valores através de sua linguagem corporal.

Partindo deste ponto, a valorização para os cursos de formação continuada só não acontecerá se, em experiências passadas, os indivíduos que possuem *habitus* em comum tenham sido submetidos a situações que valorizassem a educação pela educação e essa característica é nitidamente mais perceptível nos níveis mais privilegiados economicamente.

O *habitus* fornece, ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc); individuação porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização única no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Porque é simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de ações e representações presentes), o *habitus* opera como o “princípio não escolhido de todas as escolhas” guiando ações que assumem o caráter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objetivamente “orquestradas sem serem o produto da atividade organizadora de um maestro” (WACQUANT, 2017, p.215)

Em outras palavras, o *habitus* não se resume apenas a experiência individual do ser humano, mas também a sua condição social, ele pode variar com o tempo, mas é o responsável por indicar a *hexis* e o *ethos* dos indivíduos, ou seja, seus costumes, apreciações, pensamentos, comportamentos entre outras características.

3.7 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

É a partir do conceito de *habitus* que podemos entender como se dá a violência simbólica dentro da sala de aula, uma vez que, os conteúdos ensinados em escolas particulares e escolas públicas deveriam ser transmitidos de maneiras semelhantes, mas na prática não são. Há uma distinção entre o capital herdado pelas crianças oriundas das camadas mais abastadas em relação aos mais desprivilegiados culturalmente, o que facilita a aquisição dos conteúdos transmitidos em sala de aula.

De acordo com Bourdieu (2007, p. 41) “um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola, e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média”.

Por isso, ignorar a existência de um capital cultural herdado pela família, faz com que as crianças das frações de classes mais necessitadas sejam culpabilizadas pelas dificuldades em entender as matérias, ou, em outras palavras, ignorar o *habitus* desses alunos contribui com a existência do fracasso escolar. É nesse contexto que se torna forte o mito do dom, do talento e da vocação, como se os burgueses não tivessem vantagens, mas sim, facilidades naturais que os conduziram ao sucesso, enquanto os mais necessitados têm pré-disposição ao fracasso.

O capital cultural e o *ethos*, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio da eliminação diferencial das crianças de diferentes classes sociais. Ainda que o êxito escolar, diretamente ligado ao capital cultural legado pelo meio familiar, desempenhe um papel na escolha da orientação, parece que o determinante principal do prosseguimento dos estudos seja a atitude da família a respeito da escola, ela mesma função, como se viu, das esperanças objetivas de êxito escolar encontradas em cada categoria social. [...] De fato, isso significa que os obstáculos são cumulativos, pois as crianças das classes populares e médias que obtêm globalmente uma taxa de êxito mais fraca precisam ter um êxito mais forte para que sua família e seus professores pensem em fazê-las prosseguir com seus estudos. (BOURDIEU, 2007, p.50)

E é em consequência desse processo que acontece a violência simbólica, quando as crianças mais desprovidas de capital cultural são as responsáveis pelos altos índices de reprovação e evasão escolar, como se fossem obrigadas a se adequar a conteúdos que estão

distantes da sua realidade social impostos disfarçadamente. As condições de igualdade são desconsideradas e seus direitos negados, de forma implícita, por isso o nome, violência simbólica, já que não se trata de uma agressão física, mas uma crueldade velada.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é identificar se o capital cultural dos professores facilita o uso das tecnologias em sala de aula, houve a necessidade de construir um roteiro de entrevista para analisar pontos específicos presentes nos estudos de Bourdieu. Portanto, estruturei o roteiro a partir dos seguintes temas: caracterização do entrevistado, caracterização da família, aspectos econômicos, formação inicial e complementar, aspectos culturais e trabalho docente. Todos esses tópicos foram a base para analisar os conceitos citados neste trabalho, como capital cultural, *habitus* e violência simbólica.

4.2 APRESENTAÇÃO GERAL DOS PARTICIPANTES

A título de curiosidade e a fim de preservar os professores entrevistados, substituí suas identidades verdadeiras por nomes de brasileiras importantes para a área de filosofia e sociologia que se destacaram por sua contribuição com os estudos sobre Bourdieu ao longo da história, sendo elas, Ana Maria Fonseca de Almeida, Ana Paula Hey, Cristina Carta Cardoso de Medeiros, Maria Alice Nogueira e Nadir Zago.

Tabela 1: Informações sobre caracterização dos entrevistados

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS
Ana Maria	39	CASADA	1
Ana Paula	46	DIVORCIADA	1
Cristina	48	SOLTEIRA	0
Maria Alice	46	CASADA	3
Nadir	36	DIVORCIADA	1

Fonte: Elaboração própria.

As entrevistadas trabalham em duas escolas diferentes, mas todos têm idades próximas e possuem uma semelhança em relação a quantidade de filhos, 3 das 5 entrevistadas possuem somente 1 filho, o que pode ser caracterizado como uma estratégia de fecundidade, definida por Bourdieu como uma forma de manter-se na mesma classe social a partir da restrição da

fratria. Ou seja, elas optam por ter menos filhos do que seus pais, assim podem destinar maior quantidade de recursos financeiros em um único filho, pensando em melhores chances de êxito, quando comparado a divisão do capital econômico total entre várias crianças. Além disso, apenas uma das entrevistadas não constituiu família por motivos religiosos, enquanto as outras entrevistadas são ou foram casadas.

4.2.1 Ana Maria

Ana Maria nasceu em 1983, na cidade de Votuporanga, interior de São Paulo. Sua família era pequena, composta somente pelo pai, mãe e ele. A mãe era dona de casa, não teve oportunidade de estudar. Já o pai concluiu o Ensino Médio e manteve um emprego estável na Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP) durante 35 anos.

O meu pai concluiu o ensino médio, ele é aposentado e trabalhava Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP), ele trabalhou em um banco em SP quando era solteiro, aí ele foi para o interior, pra Votuporanga, conheceu minha mãe, e lá ele entrou na CESP e ficou durante 35 anos. Minha vida inteira, porque ele entrou na CESP dia 1º de novembro e eu nasci dia 1º de outubro, um mês antes. Então a minha vida inteira, até os meus 35 anos ele estava dentro da empresa, aí ele se aposentou.

Atualmente é casada, possui um filho de 5 anos, que estuda em uma creche do município. Além do filho, sua família é composta por seus pais e seu cônjuge. O cônjuge também não possui um grau de instrução elevado, alegava não gostar de estudar e terminou o ensino médio pelo ENCEJA, pressionado por Ana Maria. Por outro lado, ela afirma que sempre gostou de estudar, que frequentava constantemente a biblioteca municipal da cidade para fazer trabalhos escolares e que seus professores o influenciaram positivamente no gosto pela leitura.

Eu aprendi a estudar depois que eu peguei o encanto por causa de professor. Eu tive professor que interferiu bastante nisso, porque eu me lembro que na terceira série, antigamente ainda era série, eu não gostava muito de ler. E a escola tinha o hábito de mandar livros durante as férias. Era um livro que você tinha que ler durante as férias inteira e fazer o que a gente chama de resenha, né? O questionário do livro para entregar no retorno. E eu não queria, não gostava muito. Aí a professora arrumou um livro, foi em casa e falou “Ó, está aqui o livro”, ela foi, sentou, começou a conversar.

O incentivo dos pais também foi determinante neste processo, uma vez que eles sempre lhe falaram para estudar, incentivavam e apoiavam suas escolhas.

Eu sou o que sou, graças a eles, porque minha mãe por não ter concluído, o meu pai por ter feito, mas não ter realizado o sonho em se formar em medicina, eles sempre me disseram “estuda, minha filha, porque o teu futuro está nas suas mãos”. E eu carrego um lema do meu pai assim “tudo nessa vida podem te roubar, menos o seu

conhecimento, estude”, é o que ele fala e é o que eu carrego comigo. Tudo podem te roubar, casa, dinheiro, bolsa, joias, até tua vida podem te roubar, mas nunca o teu conhecimento e os seus estudos.

No entanto, quando Ana Maria comunicou sua decisão sobre trabalhar como professora, os pais lhe aconselharam a mudar de profissão, pensando na questão financeira e na segurança, uma vez que os professores ganham pouco e, na época, ameaças à professores eram constantes manchetes na televisão.

4.2.2 Ana Paula

Ana Paula nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, no ano de 1976. Sua família era bem grande, contabilizando 7 irmãos no total. Seus pais não tiveram muitas oportunidades de estudo, sendo sua mãe formada no segundo grau completo, mas trabalhava somente com os serviços do lar, enquanto o pai não tinha nem o ensino médio completo, mas trabalhava como construtor e pedreiro para garantir o sustento da família.

Apesar das condições difíceis, os pais juntavam esforços para garantir os estudos dos filhos, como forma de proporcionar um futuro melhor para eles. Ana Paula relata que o pai ia comprar vales de transporte escolar, para auxiliar a locomoção durante o magistério, que era feito na cidade vizinha.

Apoiaram muito, tanto é que até na situação que eu te falei do vale transporte, ele comprava todo mês, porque eu não trabalhava, só estudava. E minha mãe também, ela sabia que eu tinha meus horários de estudo, ela me deixava a vontade e falava “pode estudar, filha. ”, no início eu não trabalhava, então eu consegui fazer o magistério e depois que eu me casei que eu fiz a Pedagogia e eu consegui me formar depois. Mas eles me apoiaram, mesmo minha mãe não trabalhando, pra minha mãe não foi fácil cuidar de 7 filhos e tinham os afazeres de casa, que naquela época eram muito mais complicados.

Todo esse apoio foi fundamental, mas não foi a única motivação, Ana Paula relata que sempre gostou de estudar e de ensinar e, quando criança, aproveitava seus irmãos menores para brincarem de escolinha. Atualmente, Ana Paula é divorciada e mora com sua filha, já formada no ensino médio, e seu netinho, ainda bebê.

4.2.3 Cristina

Cristina nasceu em 1974, na Cidade de Primeiro de Maio, localizada no Paraná. Veio de uma família grande, que passou por muita dificuldade financeira. No total, a família era composta por 6 irmãos e os pais, sendo a única renda provinda do serviço de pedreiro do pai.

Por influência da religião e das experiências que viveu durante a infância, Cristina nunca foi casada e não possui filhos. E, atualmente, mora com a sua mãe, já idosa. Ela ainda relata que dos irmãos, foi a única que conseguiu terminar os estudos, a maioria deles tiveram

que trabalhar cedo para ajudar no sustento da família, mas seu gosto por aprender foi mais forte do que as limitações financeiras.

Ah, sempre gostei. Mesmo na dificuldade da vida, né? Porque teve momentos que eu tive que parar de estudar, mas eu sempre “punha” na minha cabeça que eu teria que voltar a estudar e um dia eu ia ser professora. Então eu desejei muito estar em uma sala de aula. E também tive uma professora que me incentivou muito, que foi a minha primeira professora, eu me lembro até hoje

Apesar de todas as dificuldades, os pais sempre deram muita importância para a educação, forçando os filhos a frequentarem a escola, mesmo não acompanhando de perto o estudo de cada um. Mas quem foi determinante para a formação como professora, foi uma professora que não media esforços para cuidar de Cristina, para além da escola.

Então eu sempre me espelhava nela, eu falava que um dia eu iria ser professora e queria ser como ela, porque na época minha mãe não tinha muitas condições, sabe? E a realidade nossa é outra hoje, graças a Deus, mas na época era muito difícil. E sempre depois da aula ela me levava para a casa dela, ela que comprava vestidinho novo pra mim, eu andava como uma bonequinha. O que minha mãe não tinha condições de fazer, ela fazia por mim. E eu falava que um dia eu iria ser professora e eu queria fazer o que um dia ela fez por mim por alguém. Então, até hoje eu carrego isso comigo, sabe?

O cuidado que a professora teve, funciona como motivação para superar as dificuldades da profissão.

4.2.4 Maria Alice

Maria Alice, por sua vez, nasceu em 1976, na cidade de Campinas, interior de São Paulo. Atualmente é casada, mora com seu cônjuge e seus 3 filhos, sendo dois que estudam em escolas públicas e 1 em escola particular.

Ela também veio de uma família de origem humilde, o pai foi motorista e, atualmente, está aposentado, enquanto a mãe iniciou, mas não conseguiu terminar o ensino normal e trabalha como costureira. Apesar do baixo nível de instrução dos pais, sempre houve incentivo por parte do pai para que ele se formasse em uma universidade.

Quando chegou a época de entrar no ensino médio, meus amigos foram todos para o industrial e meu pai perguntou para mim se eu não queria fazer o magistério. Eu nem sabia o que era isso na época. Aí eu falei “ah, pode ser”, mas sem muito conhecimento. Aí entrei na EEBA, me identifiquei. Inclusive, a matrícula na faculdade, eu estava no banco no último dia e ele falou “quer que eu faça sua matrícula na pedagogia? ”, eu falei “ah, faz”, eu estava ainda no terceiro ano do magistério, aí eu fiz os dois, mas por conta disso, porque meu pai quis fazer a matrícula para saber como eu ia, acabei passando. Então, realmente foi ele que determinou o meu caminho e deu certo.

Maria Alice ainda acrescenta que a mãe pouco sabia sobre educação, não participava e nem incentivava, era indiferente sobre esta temática.

4.2.5 Nadir

A última entrevistada foi Nadir, que nasceu em 1986, em Araraquara, interior de São Paulo. Atualmente, é divorciada e mora somente com o filho, que ainda estuda, em uma escola pública do mesmo município.

Nadir ainda conta que perdeu a mãe muito cedo e não teve nem a participação, nem uma referência sobre educação. Já o pai trabalhava em um porto de areia e era o único provedor de sustento da família, que conta com mais um irmão além de Nadir.

O meu pai não teve oportunidade de estudos, teve que começar a trabalhar muito cedo. Antigamente eles trabalhavam cedo. Então, ele sempre falava para mim “estuda, vai ser alguém na vida, eu quero que você se torne alguma coisa”. Ele sempre apoiou bastante, eu estudar e chegar até o fim, até a faculdade.

No entanto, ela conta que apesar do apoio, o pai preferiria que Nadir tivesse cursado Fonoaudiologia, para ajudar na dificuldade que ele tinha com a fala, causada pelo lábio leporino. No fim, o pai aceitou a escolha e apoiou Nadir em sua formação, aproveitando da felicidade de ter uma filha formada na universidade.

De uma forma geral, é possível identificar estratégias adotadas pelas entrevistadas, como forma de proporcionar uma ascensão social para eles e seus filhos.

O essencial está nisso: não se pode dissociar as estratégias matrimoniais do conjunto das estratégias - penso, por exemplo, nas estratégias de fecundidade, nas estratégias educativas como estratégias de investimento cultural ou nas estratégias econômicas, investimento, poupança, etc. -, através das quais a família visa se reproduzir biologicamente e sobretudo socialmente, isto é, reproduzir as propriedades que lhe permitem conservar sua posição, sua situação no universo social considerado. (BOURDIEU, 2004, p. 87)

Em outras palavras, a quantidade de filhos é um fator determinante para o investimento em educação, como uma forma de ascensão social. Ou seja, as entrevistadas, adotaram estratégias de fecundidade diferente dos pais, pois elas passaram por experiências difíceis e, de certa forma, superaram as dificuldades econômicas. Logo, adotaram a estratégia de fecundidade, ou seja, tiveram menos filhos, para concentrar os investimentos e possibilitar maiores chances de ascensão social.

4.3 HERANÇAS

Outra informação que evidencia a estratégia de fecundidade como recurso de manutenção social diz respeito sobre as origens das entrevistadas, uma vez que duas das entrevistadas possuem mais de 2 irmãos e passaram dificuldades financeiras durante grande parte da vida. Cristina relata que as dificuldades eram grandes e nem todos os irmãos tiveram a oportunidade de estudar, pois precisaram trabalhar para auxiliar no sustento da família, tendo em vista que os pais não tinham salários altos para garantir uma boa condição de vida a todos.

Meu pai é falecido há muitos anos, mas ele era pedreiro e não concluiu os estudos e a minha mãe foi alfabetizada por mim, depois que eu peguei firme na Pedagogia, eu fiz todo o trabalho com ela e acabei alfabetizando ela, foi a minha primeira aluna. Porque minha mãe também não conseguiu os estudos, eles moravam na Bahia, as mulheres só trabalhavam cuidando de casa, não tinha essa preocupação com o estudo. Mas depois ela acabou se casando com o meu pai, aí a vida dela começou a ficar um pouco mais difícil, depois que perdeu meu pai ela teve que trabalhar em dois empregos, então não tinha como, aboliu o estudo da vida dela. Então, meu pai era pedreiro, minha mãe trabalhava como doméstica e tinha que cuidar dos filhos, então ela era doméstica, cozinheira, chegou a trabalhar em dois serviços. Eu acabava as vezes nem vendo ela, porque ela trabalhava o tempo todo. A gente acabava ficando com os irmãos mais velhos, porque ela chegava à noite e a gente já estava dormindo.

Nestes casos, essas estratégias estão intrinsecamente relacionadas com o *habitus*, o *ethos* e a causalidade do provável.

[...] é preciso relacionar as diferentes estratégias científicas (por exemplo, os investimentos maciços e extensivos unicamente em pesquisas ou investimentos moderados e intensivos em pesquisas associados a investimentos na administração científica), não com os grupos de idade, posto que cada campo define suas próprias leis de envelhecimento social, mas com a importância do capital possuído, que, definindo a cada momento as chances objetivas de lucro, define as estratégias "razoáveis" de investimento ou desinvestimento (BOURDIEU, 1983, p.135)

Assim dizendo, adotar estratégias e/ou mecanismos para ascensão ou manutenção social faz parte de um pensamento coletivo e também individual, ou seja, são as estruturas estruturantes, que determinam, inconscientemente, ações semelhantes a todo uma classe. Diante do exposto e com base nos dados obtidos nas entrevistas, ter menos filhos é uma forma das professoras, enquanto grupo que compartilham um *ethos*, garantirem um investimento financeiro maior na educação e formação geral de seus descendentes.

4.4 CAPITAL CULTURAL

Considerando que capital cultural pode ser sintetizado, de forma muito superficial, como um acúmulo de cultura ao longo da vida, que diferencia um indivíduo dos demais, esse

conceito fica evidente quando as entrevistadas mencionam possuir vários livros, no entanto, a maioria deles são sobre educação e/ou literatura para crianças.

Eu tenho livros de conto infantil, da época minha, de quando eu era criança. Pinóquio, Chapeuzinho Vermelho, os 3 porquinhos, esses contos tradicionais. E eu até tenho que achar lá em casa, porque é muita coisa e eu acabo esquecendo. Na minha época de faculdade eu adquiri 365 dias de história. (Ana Maria)

Tenho vários, alguns a gente adquire no passado, os contos clássicos, da coleção vagalume eu tenho alguns. (Ana Paula)

Eu gosto de vários gêneros, mas ultimamente eu não ‘tô’ lendo tanto, porque eu comecei uma psicopedagogia e eu tenho muito texto acadêmico pra ler e livro de cabeceira é a bíblia que fica ali do meu lado, é a leitura diária. (Cristina)

Em casa tem os pedagógicos, né? Tem os livros de romance, que eu e minha filha gostamos bastante. Tem mangá, por causa da Daiane, que é professora do meu filho e agora está cheio de mangá. Tem livros sobre segurança, porque meu marido lê bastante sobre este assunto e tem também casos policiais, que eu gosto. Ah, eu esqueci da biografia, também tenho várias biografias. (Maria Alice)

Tem os pedagógicos e agora eu não sei dizer se é romance os que eu gosto, é tipo assim, esses livros mais de filme. Porque o filme é um resumo do livro e no livro a história está muito mais detalhada.

O fato de todas as entrevistadas mencionarem possuir livros pedagógicos ou infantis, demonstra que a leitura não é um hábito prazeroso, mas sim uma obrigação. Algumas leituras trazem memórias afetivas da infância, outras contribuem com a formação profissional. Ana Maria, em específico, fala que durante a infância não tinha o hábito e nem gostava de ler, mas seu ponto de vista mudou a partir da insistência de uma de suas professoras.

Eu sempre tive essa relutância, né? Ai uma professora, dona Maria Helena, ela já é falecida, eles abriram um concurso da Nestle para os alunos do ensino médio, em 1999, 2000 e 2001, foram três anos seguidos e ela me inscreveu. Eu não queria, mas ela falou “você vai”. E esse projeto da Nestlé que era envolvendo vários escritores, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade etc e tal. Foi me fazendo encantar pelo mundo do livro, mas por causa da teimosia dela comigo. E de lá pra cá eu fui me apaixonando pelo mundo dos livros, durante o estágio da faculdade eu trabalhei em uma escola onde eles me colocaram em uma biblioteca, foi a época que eu mais li livro na vida, eu li acho que uma média de uns 30 livros aquele ano, coisa que não é do meu hábito, mas eu estava dentro da biblioteca, né?

O acesso à universidade possibilitou não só uma ascensão econômica, mas também uma mudança de *habitus*. Essas entrevistadas enfrentavam muitas dificuldades para ter acesso a leitura, mas foram estimuladas por seus professores e familiares. Hoje, enquanto professoras, retribuem esse estímulo. Bourdieu também fala sobre isso quando explica a violência simbólica.

Bourdieu e Passeron escreviam: “Para os filhos dos camponeses, dos operários ou dos pequenos comerciantes, a aquisição da cultura escolar é aculturação” (LH, 37). Esse reconhecimento se traduziria numa desvalorização do saber e do saber fazer tradicionais dos meios populares, em favor do saber e do saber fazer socialmente legitimados. (NOGUEIRA, 2017, p.37)

Essas crianças oriundas das camadas populares sofrem constante violência, pois são privadas de um conteúdo cultural erudito herdado de sua família e, a escola que deveria funcionar como “trampolim”, incentivando e impulsionando os alunos, faz papel contrário, funcionando como uma instituição mantenedora do status quo, no qual os mais abastados culturalmente continuam compondo os maiores índices de sucesso escolar, na base do mito do dom, do talento e da vocação. Ignorando o desfalque que as demais classes possuem.

Neste caso, os professores têm papel determinante, porque somente eles são capazes de identificar e interromper essa violência, modificando as intenções escolares. Apesar de ser um trabalho árduo, muitos dedicam sua vida a essa batalha e acabam por mudar a vida de algumas pessoas, como no caso de Ana Maria.

4.5 FORMAÇÃO INICIAL E COMPLEMENTAR

Apesar de toda a dificuldade causada pela ausência de capital herdado pelos pais, as entrevistadas se valeram, além das estratégias de fecundidade, de investimentos em capital institucionalizado, que lhes garantiram um diploma. Todavia, falando sobre frações de classe, devemos considerar que até a hierarquia possui diferentes graus, o que não nos permite afirmar que os entrevistados ascenderam socialmente. Além disso, nenhuma das entrevistadas demonstraram interesse em continuar estudando, a maioria delas confirma ter feito uma pós-graduação paga e esse fator deixa bem evidente a exclusão destas professoras do ensino superior público.

Bourdieu e Passeron mostram que o sistema educacional francês moderno consegue, desta maneira, desempenhar, de forma mais ajustada que o sistema tradicional, a sua dupla função de reprodução (cultural e social). Se o sistema tradicional se caracterizava por dois tipos de escolas: as escolas de classe dominante (de “elite”) e as escolas “para o povo”, hoje, o moderno sistema educacional não ostenta mais essa dualidade. Aparentemente unificado, ele “cultiva” certos sistemas de pensamento que permitem por um lado a retenção do indivíduo no sistema escolas, garantindo-lhe a ascensão aos níveis superiores de ensino. Para os demais que vão sendo excluídos oferece outros sistemas como justificativa de sua exclusão. (FREITAG, 1980, p25)

Essa forma de agir, permite condições melhores de vida no futuro, uma vez que, seus filhos terão acesso a um capital um pouco melhor do que elas tiveram. Ainda assim, são necessárias cerca de 2 ou 3 gerações para que haja uma reestruturação de *habitus*.

Tabela 2: Informações sobre instituições de formação

NOME	EDUCAÇÃO BÁSICA	ENSINO SUPERIOR	PÓS-GRADUAÇÃO
Ana Maria	PÚBLICA E PRIVADA	PRIVADA	PRIVADA
Ana Paula	PÚBLICA	PRIVADA	NÃO SE APLICA
Cristina	PÚBLICA	PRIVADA	PRIVADA
Maria Alice	PÚBLICA	PÚBLICA E PRIVADA	PRIVADA
Nadir	PÚBLICA	PRIVADA	PRIVADA

Fonte: Elaboração própria.

É notório que as professoras entrevistadas realizaram um investimento, no sentido de que precisaram dispendir tempo e dinheiro para a sua formação, tendo em vista que todas elas concluíram em uma universidade privada. De acordo com Ana Maria, tanto a graduação, como a pós, foram difíceis investimentos, tendo em vista que tinham outros gastos familiares para manter. Ele afirma que foi “com muita dor no coração eu fiz a pós, mas eu fiquei pensando: ‘esse dinheiro aqui eu poderia estar usando para comprar uma roupa’. Até brinco ‘faz tudo o que tem que fazer antes de construir família, porque depois muda’”.

As raízes do *habitus* encontram-se na noção aristotélica de *hexis*, elaborada na sua doutrina sobre a virtude, significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que oriente os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta. (WACQUANT, 2017, p. 213)

Contudo, mesmo que o fato de constituírem uma família tenha interferido na destinação dos recursos, ele também faz parte da *hexis* do indivíduo, ou seja, é um conjunto de sentimentos que regem suas ações. Para Lebaron (2017, p.101) “um capital é também uma forma de segurança, especialmente do ponto de vista do futuro; tem a característica de poder, em determinados casos, ser investido e acumulado de modo mais ou menos limitado”. Ou seja, a partir do momento em que os entrevistados constituíram suas famílias, os recursos

financeiros passam a ser destinados a aquisição de capital para os filhos e não mais para os pais, como uma forma de investimento futuro.

4.6 TRABALHO DOCENTE

Em relação ao trabalho docente, a entrevistada que leciona há menos tempo é Cristina, com 3 anos. E a que leciona há mais tempo é Maria Alice, com 29 anos. As demais entrevistadas têm entre 10 e 15 anos de experiência em sala de aula. Todavia, quando questionadas sobre qual sua maior dificuldade nas salas de aula, todas chegaram em um consenso sobre a falta de interesse e motivação dos alunos pelos conteúdos escolares e a ausência do acompanhamento dos pais.

As entrevistadas relatam que depois da pandemia o Estado disponibilizou um kit multimídia para cada turma, o que facilitou o uso de recursos diferenciados em sala de aula. Mesmo assim, os alunos não veem motivos para estudar.

Até 2020 você tinha que agendar na escola a TV ou o uso do equipamento multimídia, porque era um para a escola inteira, agora tem um em cada sala. Então você já tem acesso à internet, você joga lá no Google um filme ou uma informação. Por exemplo, esses dias atrás eu estava falando sobre o relógio e eu trouxe a história do relógio e juntei uma coisa com a outra, joguei lá no Google “a história do relógio”, mas você vê na cara deles o desinteresse, aquela cara de [expressão facial de desinteresse ou desatenção], eu pergunto para eles “vocês vivem no mundo de Nárnia?” e eles nem sabem o que é Nárnia. Você está fazendo e eles perguntam o horário, se falta muito para o intervalo ou para acabar a aula. Eu me sinto frustrada, porque eu trouxe um vídeo bacana, estou tentando trazer, explicar, “tô” pondo na lousa, o outro “tá” preocupado em ir no banheiro fazer xixi, o outro em beber água, o outro com a hora do intervalo. E não é falta de vocês estimular visualmente, porque a gente traz livro, traz vídeo. Antes falavam que isso era falta de tecnologia, agora a tecnologia “tá” aqui, a gente “tá” usando, “tá” trazendo pra eles, só que pra eles é indiferente. Aí você está explicando e eles começam [a dançar] “desenrola, bate, joga de ladinho”. E eu falo “essa porcaria vocês sabem, tem que aprender a ler e a escrever” e eles respondem “pra quê se minha mãe vai me sustentar até eu crescer? ”, “tem minha mãe pra me sustentar”. Eu pergunto pra um deles porque estava faltando e ele me respondeu “é que meu pai mora no bairro de cima e ele não acha necessário trazer pra escola”. É triste você ouvir isso. (Ana Maria)

Isso se dá pelo fato de que há um desencontro entre a cultura dos alunos e a cultura ensinada nas escolas, apesar do sentimento de frustração, as professoras também compartilham dessa frustração, porque eles não pertencem às classes mais abastadas e compartilham das culturas dos alunos.

Carmignolli (2019, p. 25) diz que “os diferentes rendimentos escolares são fruto de uma trajetória escolar sem fracassos e interrupções, por meio de uma familiarização com a cultura e com a linguagem, exigindo que os agentes possuam os códigos necessários para a

apreensão da cultura dominante”. Neste caso, nem os professores, nem os alunos possuem esses códigos.

Essa hipótese é confirmada quando as entrevistadas foram questionadas sobre a formação continuada para o uso de tecnologias e todas elas responderam que apesar de utilizarem recursos tecnológicos para planejar e ministrar as aulas, o nível de conhecimento sobre tal recurso é localizado entre regular e baixo, com cursos básicos como pacote Office.

As perguntas seguintes foram se elas teriam interesse em fazer um curso sobre tecnologia em sala de aula ofertado pelo Estado ou um curso pago com os próprios recursos e as respostas foram as seguintes:

Tabela 2: Interesse por cursos sobre tecnologia oferecidos pelo Estado ou financiados com os próprios recursos.

NOMES	CURSO OFERTADO PELO ESTADO	CURSO FINANCIADO PELO ENTREVISTADO
Ana Maria	SIM	NÃO
Ana Paula	SIM	NÃO
Cristina	SIM	NÃO
Maria Alice	SIM	SIM
Nadir	SIM	NÃO

Fonte: Elaboração própria.

A única entrevistada que investiria recursos financeiros para aprender sobre o uso de tecnologias em sala de aula foi Maria Alice, que tem mais tempo de experiência em sala de aula e já fez outros cursos sobre o tema. Para ela, a profissão demanda esse tipo de investimento que não é garantido pelo governo, “Eles trazerem esses equipamentos para a gente, foi uma forma de inserir, então também cabe o professor buscar, né? Infelizmente, nossa profissão nos cobra isso, a gente tem que buscar, nada nos é ofertado, a gente tem que ir e trazer isso para os alunos”.

Quando questionamos o motivo de não investirem em cursos sobre tecnologia, a maioria das respostas foram que apesar de usarem no serviço, não gostam e não tem interesse. Além disso, poderiam utilizar os recursos financeiros para investir em uma pós-graduação, que daria maior bonificação salarial, já que no Estado os professores recebem aumento de salário quando possuem pós-graduação. Um claro exemplo está na fala de Ana Paula “Não

poderia, não teria condições. Porque até mesmo a gente pensa em uma pós, para ajudar na pontuação. Então seria mais prioridade do que um curso sobre tecnologia”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo desenvolvido, depreendo que as professoras entrevistadas são oriundas de famílias economicamente desfavorecidas e passaram por diversas dificuldades financeiras durante a infância e a adolescência. Pensando em uma vida melhor, elas adotaram estratégias de manutenção social como fecundidade e educação, uma vez que diminuíram a quantidade de filhos se comparado a seus pais e, apesar de não possuírem as regras para a aquisição de capital dominante, fizeram graduação e pós-graduação. Portanto, uma escolha que lhes garantiram uma distinção acadêmica em relação aos demais que compõem as frações de classes mais necessitadas. Contudo, ainda não é possível observar ascensão, uma vez que esses investimentos terão impactos em gerações futuras e não dependem somente da trajetória individual de cada uma delas.

Ainda sobre as entrevistas, as professoras afirmaram que a maior dificuldade em sala de aula atualmente é o desinteresse por parte das crianças. Mesmo quando utilizam recursos tecnológicos, elas identificam que as crianças não entendem o estudo como algo importante para a suas vidas. Elas também assumem que não têm interesse em estudar se não forem submetidos a uma recompensa financeira. Essa declaração põe em evidência a violência simbólica estruturada dentro das escolas de todo o país, que acontece porque a classe dominante determina conteúdos a serem ensinados para todos, com a intenção de causar uma distinção social, culpabilizando os excluídos pelo seu mal desempenho e desconsiderando todas as estratégias sociais por trás disso.

Além do mais, as professoras entrevistadas foram em sua totalidade alunas de escolas públicas durante a educação básica, mas ao ingressar no ensino superior, foram excluídas do sistema. Esta exclusão destinou elas a escolherem cursos de baixo investimento econômico, o que condizia com a sua realidade social. Como as informações são impostas por um senso comum, todas elas acreditam que havia uma pré-disposição aos cursos de Pedagogia e/ou magistério, mas na realidade, as opções de grande prestígio são destinadas somente as classes com maior capital.

A partir deste exposto, fica compreensível a frustração delas com o desinteresse das crianças. As professoras não compreendem que a tecnologia não tem potencial para solucionar todos os problemas da educação e das dificuldades em sala de aula. Assim, frustram-se por achar que eles não têm interesse em aprender mesmo com os recursos tecnológicos. Mas o problema não está nos recursos, está nos conteúdos que são desconexos com a realidade vivida por cada aluno. Logo, a escola permanece como instituição

mantenedora do *status quo*, que estabelece conteúdos importantes para as classes dominantes, impondo eles as classes dominadas. É dessa forma que garantem que a violência simbólica continue e que aumente cada vez mais o número de evasões e repetências nas escolas públicas de todo o Brasil.

Uma forma de diminuir esse impacto é investir em cursos sobre o uso de tecnologia em sala de aula, como potencializadores do processo de ensino e aprendizagem. Contudo, não devemos nos ater somente a eles, é preciso que os professores, em geral, tenham consciência de classe e discernimento sobre como o seu trabalho e a sua forma de pensar influenciam a vida dos jovens mais necessitados.

Assim sendo, é importante que todos (as) os (as) professores (as) compreendam as tecnologias como forma de aproveitar o que circula socialmente na vida dos alunos e relacionar isso com os conteúdos programáticos escolares, de forma a atenuar a violência simbólica e amenizar a discrepância entre aqueles que já possuem capital cultural herdado por sua família e aqueles que demonstram ausência deste capital.

Diante disso, é possível afirmar que o capital cultural dos professores é extremamente importante e facilita o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, na medida em que quanto mais conhecimento eles tiverem, mais vão entender sobre os códigos sociais que estão envolvidos e poderão atuar como agentes transformadores e revolucionários do meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. dos R. **Um estudo sobre objetos digitais de aprendizagem no processo de alfabetização e letramento**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.39-64.

_____. A questão teórica. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 08-14.

_____. Campo Científico e Propensão a investir. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 133-138.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

_____. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.81-126.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.71-79.

_____. Sobre o poder simbólico. In: Fernando Tomaz (trad.). **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand, 1989, p.7-16.

CARMIGNOLLI, A. O. L. **A influência dos capitais cultural, social e econômico no sucesso da trajetória escolar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

COMITÊ Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras 2019. In: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**. São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20201123090444/tic_edu_2019_livro_elettronico.pdf. Acesso em: 02 dez. de 2020.

FREITAG, B. Quadro Teórico. In: **Escola, Estado e Sociedade**. 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980, p. 15-43.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

GRÜN, R. Capital econômico. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. de. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 107 – 109.

INSTITUTO Brasileiro De Defesa Do Consumidor. Acesso à internet residencial dos estudantes. In: Instituto Brasileiro De Defesa Do Consumidor. **Desafios para a**

Universalização da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec_pesquisa-acesso-internet_acesso-a-internet-residencial-dos-estudantes.pdf. Acesso em: 03 fev. de 2022.

LEBARON, F. Capital. In: CATANI, A. M. et al. (Orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 101 - 103.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, M. A. M. de. **Formação Continuada de Professores de Matemática: processos formativos e possibilidades de ruptura**. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2013.

MENDES, J. M. G. Alfabetizando com tecnologias: o uso de objetos digitais de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Pesquisa e educação: PET Pedagogia**. Araraquara: FCL-UNESP, 2021. P.69-82

MUZZETI, L. R. **Trajetória social, dote escolar e mercado matrimonial**: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

NOGUEIRA, M. A. Arbitrário Cultural. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. de. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 36 – 38.

PRENSKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. In: NCB University Press, v. 9, n. 5, Out. 2001, p.1-6.

PRIOSTE, C. O homo zappiens e o uso dos dispositivos televisuais: possíveis impactos no processo de alfabetização. In: **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 9, n. 18, p. 73–88, 2017.

WACQUANT, L. Habitus. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. C. C. de. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 213 – 217.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

- Qual o seu nome?
- Qual sua data de nascimento?
- Qual seu estado civil?
- Em que cidade você nasceu?
- Você tem irmão? Eles ainda estudam? Em caso de resposta afirmativa, em escola pública ou privada?
- Você tem filhos? Eles ainda estudam? Em caso de resposta afirmativa, em escola pública ou privada?
- Quantas pessoas moram na mesma residência, contando com você?
- Você gosta de estudar? Em caso de resposta afirmativa, sempre gostou?

CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA

- Qual é o grau de instrução de seus pais e suas respectivas profissões?
- Seus pais acompanharam sua trajetória escolar?
- Qual a opinião deles sobre a importância da educação?
- Seus pais lhe apoiaram quando escolheu ser professor (a)?

ASPECTOS ECONÔMICOS

- De acordo com a renda de sua família, em que faixa econômica você se situaria (baixa, média, alta)?
- Em que faixa econômica você situaria seus pais (baixa, média, alta)?
- Você reside em casa própria ou alugada?
- Você possui meio de condução próprio?
- Você possui acesso à rede Wi-fi em casa?
- Você possui aparelhos eletrônicos como celular, televisão, computador, entre outros?

Em caso de resposta afirmativa, quantos?

- Você possui livros em casa? Em caso de resposta afirmativa, quais são os gêneros desses livros?

FORMAÇÃO INICIAL E COMPLEMENTAR

- Qual é o seu grau de instrução?

- Durante a educação básica, você estudava em escola pública ou privada?
- Como eram os alunos que estudavam nessa escola? E a qual fração de classe suas famílias pertenciam (baixa, média, alta)?
- E na graduação, você se formou em universidade pública ou privada? E em que ano se formou?
- Durante toda sua educação básica, a escola lhe proporcionou oportunidades de visitar museus, exposições, teatro, etc.? Se sim, quais foram essas oportunidades? E com que frequência aconteciam?
- Durante sua formação, você teve contato com recursos tecnológicos?
- Você tem cursos sobre tecnologia? Em caso afirmativo, quais são, quem financiou e quando foram realizados?

ASPECTOS CULTURAIS

- Quando criança, você frequentava bibliotecas, museus ou cinemas?
- Quando criança você tinha fácil acesso a livros? Se sim, gostava de ler?
- E atualmente, você costuma fazer passeios há shows, recitais, concertos, museus, exposições, entre outros?

TRABALHO DOCENTE

- Há quanto tempo leciona?
- Sobre dar aulas, qual a maior dificuldade que você identifica atualmente?
- Você acha que a tecnologia contribui para a educação? Se sim, em que medida?
- Você utiliza tecnologia para planejamento ou para a aplicação da aula?
- Como você avaliaria seu nível de conhecimento sobre tecnologias (baixo, regular ou alto)?
- Você faria cursos sobre tecnologia oferecidos pelo Estado?
- Você faria cursos sobre tecnologia se tivesse que pagar?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLAECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A influência do capital cultural na prática docente para o uso de tecnologias”, sob responsabilidade de Jhennyfer Marques Gomes Mendes, mestranda no Programa de Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Esta pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara FClar - UNESP, que tem como função defender os interesses dos participantes das pesquisas, em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da ciência dentro dos padrões éticos.

O estudo tem como objetivo investigar se a cultura dos professores interfere no uso das tecnologias em salas de aula dos anos iniciais do ensino fundamental e será realizado por meio de entrevistas com professores da rede pública em Araraquara. Dessa forma, sua participação nesta pesquisa consistirá em responder algumas perguntas que estarão divididas em grupos temáticos como: sua formação básica e superior, suas práticas docentes, suas experiências culturais, além de seus contextos familiares e socioeconômicos. Essas perguntas e suas respectivas respostas serão gravadas e o áudio será transcrito posteriormente. Além disso, as entrevistas serão realizadas virtualmente, por meio de uma plataforma disponibilizada pela UNESP - FCLAr, chamada Google Meet, a previsão é que dure, em média, 1 hora e agendaremos um horário conforme sua disponibilidade. É importante dizer que essa pesquisa não gera despesas, logo não terá custos para você e, conseqüentemente, não terá ressarcimento de gastos. Ainda, você tem o direito de solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos, antes e durante a realização da pesquisa

Toda pesquisa oferece riscos, neste caso os riscos são desconfortos que podem ser causados aos participantes por conta da entrevista, como cansaço ou constrangimento e o risco de quebra de sigilo. Para que não ocorram ou, caso no de ocorrerem, tomaremos os seguintes cuidados e providências: antes da realização da entrevista, garantimos a você que serão explicados todos os procedimentos a serem realizados. Durante a entrevista, a pesquisadora conduzirá as perguntas de forma ética e responsável e, após as entrevistas, a pesquisadora providenciará uma cópia da transcrição para seu conhecimento, antes de utilizar os dados coletados. Tanto o material em áudio, quanto transcrito, serão salvos em um dispositivo eletrônico local (pen-drive) e não serão armazenados em nuvem, nem publicados em nenhuma plataforma virtual ou ambiente compartilhado. Caso, ainda assim, ocorra algum prejuízo material ou imaterial decorrente desta pesquisa, você poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Com essa pesquisa esperamos contribuir com a educação, apontando como as desigualdades sociais interferem na trajetória escolar dos indivíduos e na sua formação como um todo, bem como, que contribua para a valorização do uso de recursos tecnológicos. Além de ser uma possibilidade para suscitar políticas públicas favoráveis para a capacitação docente e para infraestrutura tecnológica de qualidade, tornando a educação mais efetiva, aproximando o processo de ensino e de aprendizagem ao interesse e a realidade dos alunos. No entanto, essa pesquisa não prevê benefícios diretos ao participante enquanto sujeito individual, apenas coletivamente e a longo prazo.

Os dados resultantes deste estudo serão apresentados em eventos científicos, revistas, livros e, principalmente, na dissertação de mestrado da pesquisadora, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e descrição. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Não haverá benefícios ou contribuições financeiras sobre os resultados decorrentes da pesquisa.

Você receberá uma via deste termo no qual constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Dessa forma, você foi esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Você está ciente do direito assegurado de não participar, ou de interromper a participação no momento que achar necessário, além da garantia de indenização por eventuais danos decorrentes da participação nessa pesquisa, nos termos da legislação civil (Código Civil Lei 10.406 de 10/01/2002).

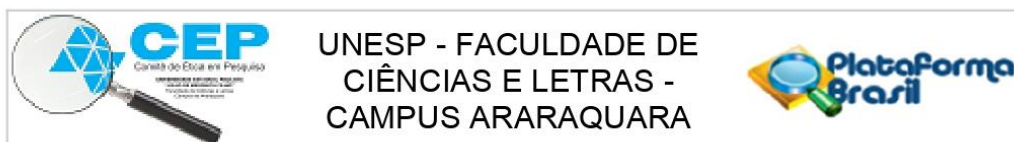
Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data _____, _____ de _____ de 2022

Nome do participante: _____

O Comitê de Ética em Pesquisa é um grupo que faz parte da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP/CNS/Ministério da Saúde e tem como objetivo proteger os direitos dos participantes de pesquisas que envolvem seres humanos, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Localização: Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara
– SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

ANEXO A - TERMO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NA PRÁTICA DOCENTE PARA O USO DE TECNOLOGIAS.

Pesquisador: JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 59407422.4.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.641.684

Apresentação do Projeto:

Por meio de uma entrevista e estudo de caso, e considerando as categorias bourdianas o estudo pretende analisar a relação entre o uso de TIC por parte dos professores e seu capital cultural. A autora detalha esses procedimentos nas Informações Básicas:

"o método praxiológico será aplicado por meio de uma entrevista para um estudo de caso, na qual as perguntas estarão separadas por categorias, de forma a capturar as informações necessárias para esse estudo, considerando um intervalo de tempo e espaço ou a prática histórica e social em que os indivíduos estejam imersos. Para tanto, serão entrevistadas cerca de 5 pessoas, objetivando identificar as categorias de análise nas respostas. E, de modo a garantir que as questões estejam adequadas, será feito um préteste e, se necessário, as questões serão reformuladas. A análise e conclusão serão feitas com base na entrevista e considerando as ofertas de cursos de formação continuada de professores para o uso de tecnologias, a predisposição dos docentes em relação a realização desses cursos e, por fim, o acompanhamento dos resultados das avaliações educacionais será feito para identificar se esses cursos, de fato, facilitam o ensino e contribuem com um aprendizado de qualidade por parte dos alunos."

O roteiro da entrevista consta como apêndice do projeto e as questões são coerentes com os objetivos de pesquisa. A pesquisadora informou que a forma de convite para os participantes será a seguinte:

"A pesquisadora também solicitará a autorização da diretoria regional de ensino de Araraquara

Endereço: Rodovia Araraquara- Jaú Km1 - sala 105

Bairro: CENTRO

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6467

E-mail: comitedeetica.fclar@unesp.br



Continuação do Parecer: 5.641.684

para, posteriormente, entrar em contato com uma das escola indicadas, que compreenda os anos iniciais do ensino fundamental. Em seguida, com a autorização da escola, a pesquisadora entrará em contato via e-mail com alguns professores convidando-os a participarem desta pesquisa (Apêndice 3). É importante salientar que a pesquisadora não possui nenhuma relação com os participantes desta pesquisa, estes, por sua vez, serão apresentados à pesquisadora no dia da entrevista."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo consta nas Informações Básicas:

"Objetivo Primário:

O objetivo geral dessa pesquisa é identificar em que medida o capital cultural dos professores facilita o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetivo Secundário:

a) Analisar a prática docente em relação aos cursos de aperfeiçoamento; b) Acompanhar os resultados das avaliações educacionais."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Consta no TCLE reformulado:

"Toda pesquisa oferece riscos, neste caso os riscos são desconfortos que podem ser causados aos participantes por conta da entrevista, como cansaço ou constrangimento e o risco de quebra de sigilo. Para que não ocorram ou, caso no de ocorrerem, tomaremos os seguintes cuidados e providências: antes da realização da entrevista, garantimos a você que serão explicados todos os procedimentos a serem realizados. Durante a entrevista, a pesquisadora conduzirá as perguntas de forma ética e responsável e, após as entrevistas, a pesquisadora providenciará uma cópia da transcrição para seu conhecimento, antes de utilizar os dados coletados."

Quanto aos benefícios:

"Com essa pesquisa esperamos contribuir com a educação, apontando como as desigualdades sociais interferem na trajetória escolar dos indivíduos e na sua formação como um todo, bem como, que contribua para a valorização do uso de recursos tecnológicos. Além de ser uma possibilidade para suscitar políticas públicas favoráveis para a capacitação docente e para infraestrutura tecnológica de qualidade, tornando a educação mais efetiva, aproximando o processo de ensino e de aprendizagem ao interesse e a realidade dos alunos. No entanto, essa pesquisa não prevê benefícios diretos ao participante enquanto sujeito individual, apenas coletivamente e a longo prazo."

Endereço: Rodovia Araraquara- Jaú Km1 - sala 105

Bairro: CENTRO

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6467

E-mail: comitedeetica.fclar@unesp.br



Continuação do Parecer: 5.641.684

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

vide conclusões e pendências

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

vide conclusões e pendências

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando os pareceres emitidos anteriormente:

1. O TCLE precisa ser revisado em relação a vários aspectos:

1.1 O TCLE não adota linguagem acessível para o público, trazendo conceitos do referencial teórico, referências bibliográficas, contrariando o indicado pela Resolução 510, no "Art. 15 - ATENDIDO;

1.2. Diante da inexistência da tipificação de riscos por parte da CONEP recomenda-se não mencionar o grau de "risco mínimo" indicando apenas o possível desconforto, por exemplo, sem tipificá-lo - ATENDIDO

1.3. É necessário adequar as informações de acompanhamento, indenização e ressarcimento que estão apresentadas de forma equivocada e confusa no TCLE - ATENDIDO

2. Explicitar a forma de convite aos participantes da pesquisa - ATENDIDO

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp, reunido em 14/09/2022, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. O relatório final deverá ser entregue até 06 (seis) meses após a data de finalização da pesquisa, conforme projeção do cronograma constante do projeto aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1959095.pdf	14/08/2022 14:02:23		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_versao_3.pdf	14/08/2022 14:01:13	JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JHENNYFER_ATUALIZADO.pdf	27/06/2022 16:04:39	JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	02/06/2022	JHENNYFER	Aceito

Endereço: Rodovia Araraquara- Jaú Km1 - sala 105

Bairro: CENTRO

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6467

E-mail: comitedeetica.fclar@unesp.br



UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS E LETRAS -
CAMPUS ARARAQUARA



Continuação do Parecer: 5.641.684

Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	17:59:38	MARQUES GOMES MENDES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	02/06/2022 17:03:51	JHENNYFER MARQUES GOMES MENDES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARARAQUARA, 14 de Setembro de 2022

Assinado por:
Luciana Massi
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia Araraquara- Jaú Km1 - sala 105

Bairro: CENTRO

CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6467

E-mail: comitedeetica.fclar@unesp.br

ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DA DIRETORIA
REGIONAL DE ENSINO DE ARARAQUARA



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação
Diretoria de Ensino Araraquara



Despacho

Interessado: Jhenyfer Marques Gomes Mendes (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Assunto: Solicita Autorização de Pesquisa Acadêmica

CIENTE do contido neste protocolo e, considerando a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, **AUTORIZO** a realização da pesquisa junto a Unidades Escolares dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Diretoria de Ensino-Região de Araraquara, **observados todos os dispositivos legais que regem a matéria, adotadas todas as cautelas de praxe, após EXPRESSA ANUÊNCIA da Direção da Unidade Escolar, bem como expresse interesse de participação voluntária do público-alvo onde se dará a pesquisa.**

Encaminhe-se ao Setor de Protocolo para **CIÊNCIA** com cópia à requerente.

Araraquara, 02 de agosto de 2022.

PAULO PEREIRA DA SILVA
Dirigente Regional de Ensino
Diretoria de Ensino Araraquara



Assinado com senha por PAULO PEREIRA DA SILVA - 02/08/2022 às 15:17:06.
Documento Nº: 48583249-2236 - consulta à autenticidade em
<https://www.documentos.spsempapel.sp.gov.br/sigaex/public/app/autenticar?n=48583249-2236>

Classif. documental	006.01.10.004
---------------------	---------------



SEDUCDES202271650A

SIGA